A IDENTIDADE DO JOVEM NOS DISCURSOS DA MÍDIA: O JOVEM E A SEXUALIDADE

YOUTH IDENTITY ON MEDIA DISCOURSES: YOUTH AND SEXUALITY

Marcelo Feitosa de Lima[1]
Pedro Navarro[2]

Resumo

A chamada pós-modernidade trouxe uma série de mudanças em todos os aspectos da vida social. As identidades, também, são valores que estão sofrendo com essas modificações do mundo contemporâneo ou pós-moderno. No entanto, mais que analisar esse aspecto fragmentário, líquido ou a crise de identidade, conforme concebem os críticos dos estudos culturais (HALL, 2005; BAUMAN, 2001), esse texto tem por objetivo compreender o modo como o jovem é falado em discursos que circulam em revistas contemporâneas. Trata-se de compreender que a identidade que é produzida sobre esse sujeito resulta de uma posição sujeito (FOUCAULT, 2007) construída para ele em práticas discursivas identitárias. Para a realização dessa análise, pautamo-nos em noções erigidas pelo dispositivo teórico da Análise do Discurso de linha francesa. De posse desse arcabouço teórico, procuramos evidenciar que a construção da identidade do sujeito jovem na mídia é um efeito de sentido produzido na e pela linguagem.

Palavras-chave: discurso; mídia; identidade.

Abstract

The called post-modernity brought a lot of changes in all aspects of social life. The identities are also values that are suffering with those modifications

1 Universidade Estadual de Maringá
2 Universidade Estadual de Maringá

of the contemporary or the postmodern world. However, more than to analyze this piecemeal aspect, net or the identity crisis, as critics conceive of cultural studies (HALL, 2005; BAUMAN, 2001), this text aims to understand how youth is cited in speeches that circulate in contemporary magazines. It is understood the identity that is produced about this subject results from one subject position (Foucault, 2007) built for him in the discursive practices of identity. For the achievement of this analysis, we guided ourselves at notions founded by the theoretical device of Discourse Analysis of the French line. Possession of theoretical framework, we seek to evidence that construction of the identity of the young subject in the media is an effect of sense produced by and in language.

Keywords: discours, media, identity.

Introdução

Atualmente vivemos um período de mudança, dentro do pós-moderno, em que as velhas identidades estão em declínio, fazendo surgir novas identidades, fragmentando o indivíduo moderno, até então visto como unificado (HALL, 2005). Partindo desse contexto de mudança tanto condicionado pela própria sociedade quanto influenciado pela História e pelo momento histórico de globalização mundial cada vez mais fragmentado em distinções, tomamos, como objeto de análise, enunciados selecionados da mídia impressa cujo "princípio de diferenciação" (FOUCAULT, 1972) é a discussão acerca da "nova identidade" da juventude. Focalizamos, pois, a produção discursiva da relação do jovem com o tema da homossexualidade, atentando, com isso, para os efeitos de sentido sobre a identidade da juventude contemporânea.

Este artigo é parte de uma pesquisa de iniciação científica que visa analisar e compreender o modo como o jovem é representado na mídia. As análises irão se valer de noções da Análise do Discurso de linha francesa e também das reflexões de Foucault sobre poder e sexualidade. Essa pesquisa visa contribuir com vários outros

trabalhos e estudos sobre o tema, que objetivam compreender o mecanismo da produção de sentidos nos discursos midiáticos.

A teoria do discurso (saber e poder) como dispositivo de compreensão da produção de identidade

A identidade é uma produção discursiva, em vista disso, importa compreender o que entendemos por discurso e sujeito, a partir do quadro teórico sobre o qual alicerçamos nossas análises.

A Análise do Discurso tem por objeto de análise o *discurso*. Esse campo do saber considera o sujeito como uma entidade não homogênea, mas heterogênea, que é formada por um conjunto de diferentes vozes. Essas vozes são criadas por toda a questão de fragmentação sofrida pela identidade na pós-modernidade. Orlandi (1999) defende a ideia de que a Análise do Discurso considera que a linguagem estabelece uma relação de mediação necessária entre o homem e sua realidade, tanto natural quanto social. Esse trabalho de mediação feito pelo discurso permite o processo de continuidade e deslocamento do homem, assim como o processo de transformação da realidade na qual esse homem vive. A linguagem como entidade simbólica, de acordo com a autora, é a base para a produção da existência humana.

Alguns conceitos-chave desse campo do saber podem nos fornecer ferramentas para a compreensão do nosso objeto de análise. Vamos a eles.

O primeiro deles é o de formação discursiva, que é definida por Foucault nos seguintes termos:

> No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos e as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos,

> transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva (FOUCAULT, 2007, p. 43).

Pensar a produção de sentidos em uma sociedade com base no conceito de formação discursiva é considerar os modos de materialização da linguagem, e isso nos leva a ter em conta o discurso. Em Análise do Discurso, o discurso é algo exterior à língua; ele se encontra no meio social, e seus limites vão além dos limites que a língua domina, trata-se, portanto, de analisá-lo em relação aos processos históricos, ou seja, em relação a sua historicidade. Nesses termos, "a linguagem é uma prática; não no sentido de efetuar atos, mas porque pratica sentidos, intervém no real." (ORLANDI, 1999, p. 95). Com a materialização do discurso por meio da linguagem, ocorre a produção de *efeitos de sentido*. O sentido, mesmo sendo gerado por meio de uma linguagem convencionada, não possui o significado do "dicionário"; o significado da palavra é produzido "em decorrência da ideologia dos sujeitos em questão, da forma como compreendem a realidade política e social na qual estão inseridos" (FERNANDES, 2007).

Para Orlandi (1999, p.30), "os sentidos não estão só nas palavras, nos textos, mas na relação com a exterioridade, nas condições em que eles são produzidos e que não dependem só das intenções dos sujeitos". Por conta disso, os enunciados produzidos pelos homens não são apenas mensagens a serem decodificadas, mas processos de significação presentes no texto, e isso requer do analista a "escuta" de outros sentidos que dão existência ao enunciado. Na análise da relação mundo, palavras e homens, é importante considerar que não existe uma relação direta entre as coisas e as formas materiais de representação delas. Dito de outro modo, entre as coisas (os objetos) do mundo e os homens existem as palavras, ou seja, o discurso. Nesse sentido, a análise discursiva da produção de identidades do jovem deve levar em conta as condições de

produção, que compreendem o sujeito produtor de linguagens, a situação de produção e a historicidade inscrita nos processos discursivos (NAVARRO, 2009). As palavras não estão estritamente vinculadas às coisas, muito menos são o reflexo delas, como evidência. Do ponto de vista foucaultiano, diríamos que são as práticas discursivas que estabelecem a relação entre as palavras e as coisas; são elas que constroem, portanto, as identidades dos objetos (homem e mundo).

Gregolin (2007), ao estabelecer uma ponte entre os Estudos Culturais e a Análise do Discurso, em especial o método arqueológico formulado por Michel Foucault, chama a atenção para o fato de que, como produto histórico de práticas discursivas, o sujeito é reportado a "posições possíveis de subjetividade". Não importa quem fala, mas o que ele diz, sendo que esse dizer não é realizado de um lugar qualquer. Assim, além de terem uma memória (repetibilidade) e materialidade, os enunciados estabelecem relações com quem os enuncia.

O analista, ao considerar essas relações, não busca as intenções, mas as posições do sujeito, que podem ser ocupadas por aqueles aptos a preencherem certas condições, tais como: normas institucionais ou jurídicas, *status* ou função. Essas condições legitimam o sujeito a fazer uso do discurso. Assim, é a prática discursiva que regula a função do sujeito: num discurso jornalístico, por exemplo, pede-se objetividade e imparcialidade, muito embora esses quesitos sejam facilmente questionáveis, do ponto de vista discursivo. São as práticas discursivas, portanto, que determinam o que se pode dizer, em uma época, quais objetos acolher, quais indivíduos podem ocupar a posição de sujeito nos enunciados.

Essa análise nos leva a uma reflexão sobre a relação saber/poder que incide sobre os sujeitos e organiza os discursos em dada sociedade e época. O poder é amplamente discutido nas análises de Foucault sobre os sistemas de vigilância e de controle que pesam sobre os homens. Segundo

Machado (1982, p. 10) "não existe em Foucault uma teoria geral do poder". Este é definido como uma prática, constituída historicamente, que se encontra sobre constantes transformações. Ainda de acordo com Machado (*idem*, p.11), existem "formas de exercício do poder diferentes do estado, a ele articuladas de maneiras variadas e que são indispensáveis inclusive a sua sustentação e ativação eficaz". A tese de Foucault (1982) sobre o funcionamento de micropoderes na sociedade mostra que o poder se traduz como formas de relação: enraíza-se no tecido social, age sobre o cotidiano dos homens, classifica-os em categorias, ligando-os a uma identidade, ao lhes impor uma lei de verdade que é necessário reconhecer. E isso, em termos de linguagem, tem uma incidência direta sobre a produção discursiva de imagens de identidade do jovem na nossa sociedade. Trata-se do exercício de uma relação saber/poder que diz qual a identidade o jovem deve assumir para ser reconhecido pelo grupo social que lhe serve de referência. Materializa-se, portanto, um efeito de poder que, estando vinculado aos enunciados da mídia contemporânea, fala sobre esse sujeito e faz que ele se reconheça de tal ou qual forma.

Esse poder disciplinar, como analisa Foucault, produz comportamentos, fabrica ou molda um tipo de homem necessário ao funcionamento e à manutenção da sociedade capitalista. É um tipo de poder que produz individualidade, ao mesmo tempo em que, do ponto de vista da produção discursiva da identidade, transforma os indivíduos em sujeitos, ora submetidos a outros sujeitos (no caso em tela, os sujeitos produtores dos enunciados midiáticos), pelo controle e pela dependência, ora ligados a sua própria identidade, pela consciência ou pelo conhecimento de si.

Nesse sentido, a identidade, vista como criação social e cultural que se atualiza na e pela linguagem, é também interpelada pelo poder. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora das representações hegemônicas, utilizando-

se de um processo de classificação, pelo qual o poder se manifesta, ainda que de forma sutil, a privilegiar, dar valor positivo a uma imagem de identidade em detrimento de outras.

O jovem e a sexualidade

Atualmente, são diversas as discussões em torno do papel da mídia na sociedade. É fato que, por muitas vezes, nossa realidade é legitimada pela mídia, aspecto que lhe confere a capacidade de construir o mundo em que vivemos. A priori, tem-se que a função da mídia é veicular informações, levando as pessoas à prática da cidadania. Cabe também destacar o caráter onipresente da mídia na nossa contemporaneidade, em que somos cotidianamente bombardeados por informações, seja na mídia impressa, televisa, radiofônica ou digital. Vemos também que a mídia é um grande meio de divulgação de ideias, podendo influenciar as pessoas, em vários aspectos de suas vidas, como, por exemplo, no campo comportamental, profissional, educativo etc., o que evidencia o poder que se tem e que se exerce por tal meio.

Para alguns autores, a mídia é vista como um poder de demanda na sociedade. Bordieu (*apud* DUARTE, 2000, p.1) a considera como o "quarto poder" (atrás do poder executivo, legislativo e judiciário), à medida que contribui para reforçar elementos da economia e da política. Navarro (2006) pondera que a mídia é vista como um fecundo campo de práticas discursivas, uma vez que produz e faz circular infinitos efeitos de sentido na sociedade. Tais efeitos de sentidos, produzidos pelo material midiático, traz juntamente consigo a capacidade de subjetivar o homem.

Entre os efeitos de sentido que a mídia produz e faz circular, com certa dose de espetacularização, destaca-se a questão da sexualidade na adolescência e juventude. Trata-se de um tema que gera polêmicas, sendo alvo de discussões, bem como também objeto de saber, tal como estudou Foucault em sua "A história da

sexualidade", obra na qual realiza uma discussão sobre a relação entre sexo e poder.

De um ponto de vista arqueológico e histórico, Foucault mostra que "as práticas sexuais não procuravam segredo; as palavras eram ditas sem reticências excessivas, e as coisas sem demasiado disfarce" (FOUCAULT, 1977, p.9). Entretanto com o período vitoriano e o desenvolvimento do capitalismo "a sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada" (FOUCAULT, 1977, p.11), condenada ao mutismo de uma repressão, que enxerga no sexo uma incompatibilidade referente ao trabalho. Assim, a partir do silenciamento do sexo, tal saber configurou-se como subversivo, e seu dizer passou a funcionar como uma afronta ao poder que silencia, cala e condena ao mutismo, ao vazio, ao nada. Se antes os dizeres da sexualidade sofreram interdição com o desenvolvimento do capitalismo, parece que vivemos e, muitas vezes, aplaudimos a espetacularização do sexo, que se tornou objeto de um poder econômico, dada a geração de lucros que se obtém com a exploração da sexualidade.

O que nos interessa na questão da sexualidade, vista na sua relação com o saber/poder, é o modo como ela põe em funcionamento certos dispositivos de produção de subjetividades, em especial, dispositivos que produzem, nos discursos da mídia contemporânea, um modelo de jovem bem resolvido com sua sexualidade.

Exemplo disso é a forma como a grande mídia constrói uma "nova" imagem da juventude contemporânea, que se permite falar de assuntos como a sexualidade, supostamente de forma natural, deixando para trás, ou no passado, toda a interdição vinda, por exemplo, de discursos religiosos, que não aceitavam (e ainda não aceitam), por exemplo, a união entre duas pessoas do mesmo sexo.

Do ponto de vista teórico aqui adotado, tal produção de sentidos é feita com a ativação de uma memória discursiva (interdiscurso), que confere certo ar de satisfação, de comemoração

à identidade dessa atual juventude denominada "juventude tolerância", tendo em vista que o tema da homossexualidade traz juntamente consigo um peso que, por muito tempo, silenciou a voz do sujeito homossexual. A construção da identidade desse "novo" jovem contemporâneo se dá em um movimento da história, e a mídia tenta construir, por meio dos discursos, a verdade de uma época, de nossa contemporaneidade.

Como exemplo disso, o editorial da revista *Veja* (edição 2164), intitulado "*Uma lição dos jovens*", dá destaque à troca de papéis sociais, em que o chamado "novo" jovem seria um exemplo a ser seguido por todos, principalmente pelas pessoas mais velhas ou também por quem ainda sustenta um discurso "ultrapassado", caracterizado pela rejeição e pela intolerância a temas relacionados à (homo)sexualidade.

Uma das características da religião é sua atuação com a noção de poder sobre os homens, interditando e controlando os dizeres e também exercendo uma disciplina no sujeito, partindo da premissa de que os homens são seres que necessitam de um controle, de uma disciplina "divina", que os tornam dóceis. Em Foucault, disciplina é definida

> por um domínio de objetos, um conjunto de métodos, um corpus de proposições consideradas verdadeiras, um jogo de regras e definições, de técnicas e de instrumentos: tudo isto constitui uma espécie de sistema anônimo à disposição de quem quer ou poder servir-se dele. (FOUCAULT, 2007, p. 30)

Como já mencionado, em sua "A história da sexualidade", Foucault faz um recorte histórico e mostra o funcionamento da relação do poder e a sexualidade, que durante muito tempo interditou seus dizeres. No entanto, vemos que os sujeitos não aceitam passivamente todas as imposições e interdições do poder, uma vez que onde há poder sempre existirá resistência, e é essa possibilidade

de se fazer resistência aos poderes que conferem movência à História. Como afirma Gregolin "se só houvesse a escravização, a submissão e a passividade, seria o fim da História" (2007, p. 142). Como analista do discurso cabe a nós explicitar como o poder também produz saberes e efeitos de verdade, até mesmo determinando a própria identidade do sujeito.

É fato que o comportamento do jovem mudou nos últimos anos. O jovem contemporâneo tem iniciado sua vida sexual cada vez mais cedo, e a sexualidade tem sido discutida de forma mais aberta nos discursos da mídia, da educação, nos meios de comunicação, em especial nas telenovelas e também na literatura e nas artes. Giddens discorre sobre o processo de transformação da sexualidade designando essa atual relação como a "sexualidade plástica".

> a emergência do que eu chamo de sexualidade plástica é crucial para a emancipação implícita no relacionamento puro, assim como para a reivindicação da mulher ao prazer sexual. A sexualidade plástica é a sexualidade descentralizada, liberta das necessidades de reprodução. Tem suas origens na tendência, iniciada no final do século XVIII, à limitação rigorosa da dimensão da família; mas torna-se mais tarde mais desenvolvida como resultado da difusão da contracepção moderna e das novas tecnologias reprodutivas. A sexualidade plástica pode ser caracterizada como um traço da personalidade e, desse modo está intrinsecamente vinculada ao eu. (GIDDENS, 1993, p. 10).

A jovem e a sexualidade em/na revista

Antes de partirmos para a análise, é oportuno nos deter, brevemente, nas condições de produção discursiva. Segundo Fernandes (2006), as condições de produção discursiva referem-se aos "*aspectos históricos, sociais e ideológicos*

que envolvem o discurso, ou que possibilitam a produção do discurso" (p. 22-23). Historicamente, o homossexualismo sempre existiu na humanidade. Desde as antigas civilizações, como nos povos romanos, egípcios e gregos o homossexualismo era conhecido e praticado. Algumas vezes, sendo relacionado à religião, na qual a pederastia era atribuída aos deuses Horus e Set que representavam a homossexualidade e as virtudes militares. Entre os gregos, era vista como uma prática relacionada à intelectualidade, estética corporal e ética comportamental, sendo, por muitos, considerada mais nobre do que o relacionamento heterossexual. Entretanto, com a chegada do cristianismo e com o fortalecimento do discurso religioso em toda a sociedade, a homossexualidade passou a ser considerada um vício baixo, como atesta a passagem bíblica: "com o homem não te deitarás, como se fosse mulher: é abominação"(LEVÍTICO 18, 22).

Avancemos um pouco na história e vemos que a década de 60 (século XX) significou um marco e um grande avanço quando o assunto é sexualidade. Movido por grandes discussões, protestos e inquietações foi a partir dessa década que surge uma nova mentalidade na relação homem x sexualidade. Pela primeira vez há coletivamente contestações contra a ideologia dominante conservadora, como uma crítica a tudo que existia na época. O movimento homossexual e o feminismo tiveram importantes participações na luta contra a repressão da sexualidade e evidentemente na afirmação da identidade sexual. É a partir desse momento que se abre espaço para debates e questionamentos em torno da sexualidade. Hall discute a importância dos movimentos sociais dentro da questão do pertencimento e da identidade, em que "o feminismo apelava às mulheres, a política sexual aos gays e lésbicas, as lutas raciais aos negros, o movimento antibelicista aos pacifistas, e assim por diante" (2005, p. 45). Ainda para esse autor, há com esses movimentos sociais a possibilidade de debates de aspectos da vida social como: a

família, a sexualidade, o trabalho doméstico, o cuidado com as crianças etc.

Para a análise aqui proposta, detemo-nos na reportagem de capa da revista *Veja*, edição 2164, publicada em 12 de maio de 2010. A matéria principal se propõe a discutir a temática do jovem e a homossexualidade.

Nos enunciados dessa reportagem, constrói-se a ideia de que, na contemporaneidade, o jovem e a (homo)sexualidade estão cada vez mais em um espaço transparente, no sentido de se ter uma maior aceitação do outro, como podemos observar no fragmento retirado da sessão Carta ao Leitor da revista: "*Eles formam uma geração que cultiva a tolerância em um nível jamais atingido em outros períodos de nossa história*". Celebra-se, neste momento, a vitória e a superação de um arraigado preconceito difundido em toda sociedade, por meio de uma ideologia machista/heterossexualista.

A emergência de discursos que qualificam a juventude contemporânea como "Geração tolerância" só é possível, em virtude de aspectos históricos que vêm caracterizando nossa época como aquela em que a aceitação do outro (do diferente, da alteridade) está, paulatinamente, ganhando espaço nos grandes veículos de informação, determinados pelo chamado "politicamente correto". De certa forma, as transformações históricas pelas quais a sociedade vem passando são um dos aspectos que determinaram o aparecimento do discurso do jovem contemporâneo "tolerante"

O enunciado "*Ser jovem e Gay: A vida sem drama*" aponta, discursivamente, para uma nova construção de identidade da juventude do mundo contemporâneo, quebrando as barreiras que, até então, eram tidas como tabus dentro da sociedade, como os dizeres sobre a sexualidade. O tema da aceitação do outro, expresso no material midiático, sobretudo feita por jovens, mostra o modo como essa ideia de "novo" jovem é uma construção discursiva, o que confere um aspecto de movência aos discursos sobre a juventude.

Tendo em vista os enunciados analisados, podemos afirmar que está havendo uma superação, uma mudança histórica nos discursos sobre a questão da sexualidade. Esse discurso da "nova" imagem da juventude parece evidenciar, pelo menos discursivamente, que os sujeitos estão passando por uma fase de superação das interdições que eram feitas no passado, em que não era possível discorrer sobre a temática, de forma tão livre e natural quanto nos dias de hoje. Essa é marcada pela descontinuidade e pela "superação" da interdição do que pode ou não pode ser dito. Sobre esse aspecto, o enunciado de *Veja* produz o sentido de que a sociedade contemporânea parece poder discutir a homossexualidade como uma prática normal.

Outro aspecto a ser levantado sobre os enunciados analisados diz respeito à inscrição de memória, como podemos observar no seguinte enunciado da Revista *Veja*:



O enunciado conjuga imagem e texto linguístico para construir a identidade do jovem homossexual como alguém que conseguiu se libertar do preconceito e vivenciar sua sexualidade

"sem dramas". A imagem fotográfica posiciona o modelo em um ambiente que sugere ser um canto de uma parede, o que faz remissão à memória social relativa às experiências dos homossexuais, que, em outras épocas, sentiam-se sufocados, ou melhor, silenciados pelos discursos tradicionais. Mas, ao mesmo tempo em que recupera essa memória, a imagem quer significar, também, que, nesse momento, o jovem homossexual encontra-se em uma posição de redenção, abrindo-se para o mundo, como sugere a própria posição dos braços. A imagem produz o sentido de que o jovem gay pode ter voz na sociedade.

Para esse efeito de sentido, as cores também são importantes: o modelo usa preto, cor comumente associada a luto ou algo negativo. No entanto, está fotografado em fundo azul, que o projeta para fora desse espaço opressor, o que corrobora a ideia de liberdade sexual.

Nos enunciados da reportagem de *Veja*, essa identidade ganha espaço. Trata-se de um sujeito que pode, pelo menos nas páginas dessa edição, defender sua opção sexual, carregando a bandeira do movimento gay, por exemplo, sem sofrer preconceitos. É o que mostra a imagem abaixo, em que o jovem pinta uma parede com as cores do arco íris. Ao dar destaque a esse gesto, o sujeito produtor do enunciado realiza um gesto de inscrição na memória social-discursiva do movimento gay.

A revista *Veja* e a mídia, de uma forma geral, buscam elementos para confirmar a veracidade do tema trabalhado. A legitimidade enunciativa é feita com base em elementos de outras formações discursivas que tratam da temática da sexualidade do jovem e que também validam o discurso midiático. Considerar esse aspecto é uma possibilidade de atentarmos para o lugar e a posição de quem fala sobre a juventude, visto que o poder é uma forma de legitimação dos discursos. De acordo com os números vindos das estatísticas, atualmente a maior parte dos jovens aceitam a ideia do homossexualismo, entretanto, há quase 10 anos atrás esses números eram

inversos. Além das estatísticas, há elementos de outra formação discursiva que atuam no sentido também de legitimar o discurso da mídia. Isso pode ser visto no espaço concedido ao campo discursivo da psicologia, que se manifesta na voz do psicólogo americano Ritch Savin Willians, autor do livro "*The new gay teenager*" (O novo adolescente gay). De acordo com o psicólogo, o jovem da sociedade contemporânea ocidental não precisa mais esconder sua (homo)sexualidade, o mundo moderno permite com que tais discussões sejam tratadas e vistas com naturalidade, como podemos observar no trecho retirado da reportagem da revista Veja, em que o autor diz que "o peso de sair do armário já não existe para os jovens gays do ocidente: tornou-se natural".

Ao analisarmos a fala do psicólogo, quando ele diz "já não existe mais", podemos resgatar a memória de todo o preconceito que existiu e acompanhou os sujeitos homossexuais. Através da negação, automaticamente há o apontamento de algo que um dia teve existência, mas que atualmente não existe mais, referindo-se ao conflito do posicionamento do jovem gay na sociedade. No recorte "tornou-se natural*",* o uso do verbo tornar*,* que, nesse contexto, significa "vir a ser", "transformar-se", conjugado no pretérito perfeito, materializa o discurso de que a homossexualidade é, somente, uma manifestação natural da sexualidade, nos dias atuais.

Nessa edição da revista *Veja*, há a proposta de levar o leitor a "desconstruir" toda a memória discursiva que acompanha o tema da homossexualidade. A juventude contemporânea se constitui por essa prática de "desconstrução" da memória, que é feita, na materialidade linguística, com o uso da expressão definidora "Geração tolerância". Mas qual o efeito de sentido dessa expressão para a identidade do jovem? Essa geração tolerante tolera o quê?, poderíamos perguntar.

Observamos novamente aqui a ativação da memória discursiva de que um dia a juventude não foi tolerante, sendo reflexo da própria sociedade

conservadora, que inculcava valores tradicionais. O recorte do material midiático diz que: "Os adolescentes e jovens brasileiros começam a vencer o arraigado preconceito contra os homossexuais, e nunca foi tão natural ser diferente quanto agora. É uma conquista da juventude que deveria servir de lição para muitos adultos". Na escolha das palavras, evidencia-se o confronto discursivo entre juventude contemporânea x juventude do passado. Os enunciados sobre esse novo jovem nos permitem pensar na questão da identidade do jovem contemporâneo, como algo que nasce como uma forma de resistência às convenções, quebrando os limites dos discursos da ideologia religiosa, que interditava os dizeres sobre a homossexualidade. Os discursos sobre a juventude contemporânea, sobretudo, o jovem gay, tentam firmar sua posição como indivíduo e não mais marcar sua posição do ser gay.

Na sequência enunciativa "Vencer o arraigado preconceito", o verbo "vencer" nos remete à ideia de superação de um obstáculo, no caso, "o arraigado preconceito" e novamente traz a memória de todo obstáculo que impedia os dizeres sobre a sexualidade. O adjetivo "arraigado" reforça a noção do substantivo "preconceito," dando a ideia de que o preconceito é algo que está firmado pela raiz. O discurso contemporâneo sobre a juventude constrói essa nova identidade do jovem moderno, livre de um preconceito que foi vencido e superado, e para comemorar essa superação a revista *Veja* espetaculariza esse "novo" jovem.

No enunciado é dado visibilidade ao fato de, contemporaneamente, estar havendo uma mudança na própria forma de manipulação dos dizeres sobre o outro, como podemos observar no seguinte recorte: "*Ainda que o preconceito persista em alguns círculos, atingiu-se um estágio de evolução em que professá-lo se tornou um gesto condenável para a maioria"*. Isso se materializa nos discursos que constroem sentidos sobre o sujeito contemporâneo, discursos nos quais se processa uma inversão de sentidos dentro





de um período curto de tempo (aproximadamente 10 anos). Sabemos que, atualmente, fazer uso de palavras com conotação preconceituosa sobre a questão do homossexualismo tornou-se algo não compatível, até mesmo antiquado, à nossa realidade, que é regida, cada vez mais, por discursos que acentuam a necessidade de aceitação do outro.

Conclusão:

A partir da análise do material midiático da revista *Veja* que se propõe a tratar do jovem e a homossexualidade podemos perceber como os discursos são construídos levando em conta aspectos sociais e históricos. A movência dos discursos na história é um dos fenômenos que caracterizam a construção da identidade desse "novo" jovem e dessa "geração tolerância". Tomando-se por base os estudos de Foucault, é possível evidenciar que a constituição do sujeito é feita de forma diferente, de acordo com cada período sócio-histórico, aspecto que caracteriza a noção de perda e de fragmentação da identidade do sujeito pós-moderno. Ainda que, discursivamente, a mídia construa a identidade do jovem contemporâneo como produto de um momento histórico-social, em que a homossexualidade é tratada de forma supostamente normal, é possível emergir discursos que não aceitam ou se confrontam com os sentidos advindos da fórmula midiática "ser diferente é normal". Por fim, essa análise dá visibilidade ao poder produtivo que a mídia tem de subjetivar e de construir a "realidade" do sujeito, assim como também a identidade do "novo" jovem.

Referências Bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. 1ª ed. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 2001.

DUARTE, Lineide. *A TV precisa de um contrapoder*. In: Jornal do Brasil. Caderno Idéias, 11/09/2000, 2000.

FERNANDES, C. A. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. 2. Ed. São Carlos: Claraluz, 2007.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Petrópolis-Lisboa: Vozes-Centro do Livro Brasileiro, 1972.

_____. *História da sexualidade I: a vontade de saber*; tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1977.

_____ *Microfísica do Poder*. Org. e trad. de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Editora Graal, 3a. Ed., 1982.

_____. *A ordem do discurso*. Aula inaugural no *Collège de France,* pronunciado em 2 de dezembro de 1970. 15. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Ed Unesp, 1993.

GREGOLIN, Maria do Rosário. *Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos & duelos*. 3. Ed. Ed. Claraluz, 2007.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

NAVARRO, Pedro. O Pesquisador da mídia: entre a "aventura do discurso" e os desafios do dispositivo de interpretação da AD. In: NAVARRO, Pedro (org). *Estudos do texto e do discurso*: mapeando conceitos e métodos. São Carlos: Claraluz, 2006.

_____. O texto como objeto de análise discursiva: questões de sentido, memória e autoria. In: ANTONIO, J. D e NAVARRO, P.(orgs). *O texto como objeto de ensino, de descrição lingüística e de análise textual e discursiva*.Maringá: Eduem, 2009, p. 123-136.

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 1. ed. Campinas, SP: Pontes

Editores, 1999.

VEJA. São Paulo: Ed. Abril, n.19, 12 de maio de 2010.